

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## Arte social aplicada

A 7ª Bienal de Berlim está prestes a acabar e termina tão polêmica quanto começou. Com o título “Forget fear” (Esqueça o medo), o evento causou controvérsias em série na mídia e na opinião pública. O curador-chefe da bienal, o videoartista polonês Artur Zmijewski, cedeu o espaço mais nobre do evento a diversos grupos de ativistas políticos, transformando o museu KW (Kunst-Werke) em uma espécie de Fórum Social Mundial. O espaço Occupy BB7 foi tomado por militantes, que tendo perdido o direito de ocupar as ruas de Berlim acabaram convidados a ocupar um museu. Estratégias como essa querem ilustrar o conceito de “arte social aplicada” de Artur Zmijewski.

O conceito desta bienal não está centrado em obras, mas em projetos, de preferência participativos. Houve uma intensa programação de palestras, cursos, workshops, encontros, ações e performances. Na bienal de “arte cidadã” a intenção é que o público interaja e seja despertado para ações políticas. O espaço Occupy BB7 tem mesinhas com panfletos, cartazes nas paredes, faixas com dizeres contra gentrificação, guerras, corrupção, capitalismo e energia atômica. A sensação é de estar entrando em um diretório acadêmico em dia de passeata estudantil.

Zmijewski não está sozinho neste barco. Para escolher artistas, não artistas e projetos para a sua bienal ele contou com a cocuradora Joanna Warsza. Ele ainda convidou o coletivo Voina (guerra, em russo), conhecido por ações de terrorismo artístico em seu país. Processados e presos dezenas de vezes (dois integrantes se livraram da prisão no ano passado após terem a fiança paga pelo grafiteiro Banksy), eles xingam o governo, queimam carros de polícia e picham um pênis gigante em uma ponte de São Petersburgo, entre outras ações de arte delinquente. Com o reforço desta turma, a intenção do curador era provocar e fazer refletir. Um exemplo da arte participativa e engajada é a obra de Khaled Jarrar, que criou um carimbo simbólico de entrada para a Palestina. Na instalação está uma mesa com fotos de pessoas que visitaram a exposição mostrando os seus passaportes carimbados.

Os outros andares do Kunst-Werke estão ocupados por duas estátuas de Cristo, uma instalação com bandeiras de movimentos políticos radicais, uma maquete redonda com bandeirinhas lembrando um encontro das Nações Unidas, mesas gigantes decoradas com vasilhinhos de plástico com terra, alguns plantados, outros vazios. Isso porque os visitantes podem levar mudas de bétula para plantar em suas casas, parques ou jardins. A instalação, “Berlin-Birkenau”, do artista polonês Lukasz Surowiec, faz parte do trabalho que ele começou em novembro de 2011, quando trouxe para Berlim centenas de bétulas colhidas na região onde ficava o maior campo de concentração nazista, o de Auschwitz-Birkenau, hoje território polonês. É uma das diversas obras na Bienal que tratam da tempestuosa relação entre Alemanha e Polônia.

Complementa o espaço do Kunst-Werke um trabalho chamado “Breaking the news”, uma videoinstalação com oito telas mostrando imagens de guerra, manifestações, pas-

seatas, depoimentos, documentários e reportagens. São trabalhos de nove grupos e artistas solo e podem ser vistos na internet também.

Convidando tanta gente radical a Berlim, o risco de a coisa pegar fogo era grande. Foi o caso do grupo de pichadores paulistas liderado por Djan Ivson Silva e Rafael Guedes, aqueles que picharam as Bienais de São Paulo de 2008 e 2010. Como eles mesmos declararam em entrevista ao “Estado de S. Paulo” quando foram convidados para participar da 7ª Bienal de Berlim: “Nossa pegada é mais frenética, o rock do Diabo.” Os meninos causaram frisson, e a pichação na igreja virou caso de polícia. É difícil imaginar um grupo de pichadores que vai seguir regras, tipo aqui pode, aqui não pode pichar. Eles já tinham avisado: “O Artur disse que queria que a gente passasse a nossa mensagem para a cidade. Não vai ter nada autorizado pra gente pichar, essa bienal não tem nada de obra física, ela é conceitual. E nossa mensagem na cidade, sem babar, vai ser nas ruas.”

Durante o que era para ser um *workshop* de pichação, os caras meteram bronca, jogaram um balde de tinta no curador Zmijewski e picharam a igreja toda. Só que o “objeto” pichado, a igreja St. Elisabeth, nobre locação de eventos, acabou sendo

do fechado “por motivos técnicos” durante o resto da Bienal e o trabalho “Draftsmen’s Congress”, que estava lá, foi transferido para outro lugar. Mas o curioso é eles terem sido escorraçados como brasileiros vândalos quando até na cúpula da curadoria há adeptos da pichação. Além disso, “Esqueça o medo”, que é o lema da Bienal, é um claro convite à ação e à desobediência civil, e não por acaso também inspirado pelas declarações do grupo Voina.

Outra obra que deu o que falar foi o “Friedensmauer” (Muro da paz), construído ao ar livre na Friedrichstrasse. Nada Prija, da Macedônia, quis com esse trabalho tematizar as diferenças sociais, separando a parte norte da rua, que era do lado comunista e hoje abriga lojas de grife, do lado sul, que era ocidental, mas é uma área com crônicos problemas sociais. Meio óbvio, mas polêmico. Antes da construção, houve uma reunião com os moradores e ninguém foi contra, agora estão reclamando. O muro se tornou um transtorno. Mas é só uma questão de tempo. Faltam poucos dias para a Bienal terminar (1º de julho). Afinal, uma cidade que viveu ilhada por tantas décadas pode aguentar um paredão artístico.

“Esqueça o medo”, que é o lema da Bienal, é um claro convite à ação e à desobediência civil

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso